

BIBLIOGRAFIA

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda & MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. 2ª ed., São Paulo: Moderna, 1993.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico**. 4ª ed., São Paulo: Atlas, 1992.

PLATÃO. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 5ª ed., São Paulo: Nova Cultural, 1981 (Os Pensadores).

REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. 10ª ed., São Paulo: Paulus, 1994.

alguma afirmar que o amor é belo. Conclui-se também nesse grave erro de Agatão que se o Amor é carente do que é belo, e o que é bom é belo, o Amor também é carente do bom.

Também não podemos afirmar que o amor é feio e mau, pois estaríamos colocando o Amor em extremos e o Amor não está nos extremos e sim no intermediário.

O amor é aquele que faz a união é o que carece de um e se faz útil ao outro. É aquele que não é sábio, mas também não é de todo ignorante, é aquele que não morre, mas também não é imortal.

Neste ponto podemos relembrar a aporia que foi mencionada no discurso onde se afirma que: "*A presença do mal no que não é bom nem é mau é o que faz este desejar o belo e o bom, e assim, com a ausência do mal, o belo e o bom não seriam capazes de suscitar o amor*".²⁷

Percebemos então que o amor é um Deus, pois para isso ele precisaria estar no extremo da perfeição e isso nós reconhecemos que ele não é ele está entre o mortal e o imortal.

O amor se fez para os mortais, mas estando no meio deles percebeu que seus esforços só teriam valia se ele fosse imortal assim permeou-se para que não se tornasse nem homem nem Deus, constituindo-se sempre com a pureza de uma criança e a sabedoria de um ancião, a sutileza de um beija-flor e a destreza de um leão.

Assim é o amor, que vivendo como o "Rei Midas" contamina, seja de que maneira for, a todos, deixando-se perpetuar no coração de quem a ele se entregar.

²⁷ PLATÃO. Op. cit. Nota nº 109, p. 34.

CONCLUSÃO

Ao término deste estudo pude concluir que o Amor é um sentimento sobre o qual muito se fala, mas pouco se sabe.

As diversas propostas de interpretação levantadas no decorrer dos discursos nos leva a crer que nunca houve e jamais haverá no mundo ninguém que dê uma definição universal do que é o amor.

Platão em seu discurso conseguiu oferecer ao mundo uma bela interpretação de algumas das infinitas formas de amar. Infinitas por que a cada minuto o homem ama de uma forma diferente e a cada indivíduo que se diz amando o faz de maneira muito pessoal, particular.

Não existe uma receita para o amor: Ame assim, pois estará amando verdadeiramente. O amor tem vida independente e está sempre renascendo ou morrendo. Pois da mesma forma que ele domina alguém com toda sua fúria, ele o abandona e morre, ressurgindo outro que não mais aquele, pois é nesse eterno retorno que ele se modifica.

Sócrates a partir do discurso de Diotima, mostra a seus colegas que as propostas levantadas ao se tratar verdadeiramente celebrar o amor foram até certo ponto falhas, pois exortavam ao amor da maneira que o desejavam e o viam encobrendo assim o verdadeiro e puro amor.

Diotima esclarece bem isso quando em seu discurso exemplifica as várias faces do amor.

Mostrando que ao contrário do que se pensa o Amor não é o supra-sumo das mesmas pois se ele deseja, deseja aquilo de que é carente.

Um bom exemplo que tivemos a esse respeito foi o visível engano cometido por Agatão em seu discurso quando ele afirma que: "*... aos deuses foram arranjadas suas questões através do amor do que é belo, pois do que é feio não há via amor*".²⁶

Mais assim Agatão, está admitindo que aquilo que é carente e que não tem é o que ele ama. Sendo assim carente de beleza o Amor, pois não a possui. E se o amor carece de beleza e não a possui, não podemos de forma

²⁶ PLATÃO. Op. cit., p. 32.

Quando um corpo procura pelo outro é porque estes são irmãos, e devem se unir para formar um só corpo de alma e coração.

Mas voltando ao vasto oceano do belo, compreende-se que diante dessa contemplação muitos discursos belos e magníficos foram produzidos, assim também foram feitas reflexões, em inesgotável amor à sabedoria, até que desistiram; e estando crescidos em grandeza de espírito, contemple ele uma única ciência que se dedique a algo mais profundo e menos complexo, tal que o seu objeto é o belo seguinte.

Por que quando alguém é orientado adequadamente em seus estudos a respeito do belo, quando chega à conclusão final do mesmo, percebe algo de maravilhosamente belo em sua natureza, aquilo mesmo, ou seja, o belo em si.

E assim continuou Diotima: *“Quando então alguém, subindo a partir do que aqui é belo, através do correto amor aos jovens, começa a contemplar aquele belo, quase que estaria a atingir o ponto final”*.²⁴

O que ela quer dizer é que quando o homem conseguir contemplar o belo de forma pura e simples, ou seja, com a inteligência ou mesmo com a própria alma, fazendo isso livre das suas relações com o corpo, terá alcançado as verdadeiras e reais virtudes.

Assim Sócrates finalizou sua interpretação das palavras de Diotima proferidas a ele. E conclui seu pensamento dizendo que proferiu estas palavras porque estas o convenceram e por estar convencido tenta também convencer aos outros.

Então concluíram eles naquele Banquete elogiando as palavras de Sócrates:

Muitas outras virtudes certamente poderia alguém louvar em Sócrates, e admiráveis; todavia as demais atividades, talvez também a respeito de alguns outros se pudesse dizer outro tanto; o fato porém, é que nenhum homem assemelha-se a ele, seja antigo ou moderno, eis o que é digno de toda admiração.²⁵

²⁴ PLATÃO. Op. cit., p. 42.

²⁵ Ibidem, p. 51.

também acontece com as ciências e assim jamais somos os mesmos nas ciências. E como se a ciência que sai de nós, nos fosse restituída através do exercício da mesma, de modo a parecer que ela é sempre uma só. Concluimos então que é desse modo que tudo é mortal permanece, pois se renova a cada nascimento e assim passa a participar da imortalidade.

Na verdade Diotima não autoriza a inferência de que alma é mortal. Ela diz que seus afetos e conhecimentos são passageiros, como os elementos do corpo, mas não afirma que a alma são esses afetos e conhecimentos. A idéia de várias encarnações da alma e a do conhecimento reminiscência, ilustra muito a compatibilidade de uma alma imortal com acidentes transitórios.²³

E é nesse nascimento que vemos renovar também o Amor. Pois pelos filhos os homens são capazes de gastar fortunas, sofrer privações quaisquer que elas sejam e até sacrificar-se.

Diotima também destaca a importância daqueles que são fecundados, os seres femininos, e de preferência as mulheres que através da procriação conseguem a imortalidade para si em sua bem-aventurança possuem para si a prudência e a justiça, que aqui aparecem como forma de pensamento, são virtudes de uma mulher que se deixa fecundar não só de coração como de alma também, e estando ela em estado de concepção, e se consigo está uma alma bela, nobre e bem dotada, na figura de um homem que possa se considerar possuidor de um grande tesouro, os filhos; e tenta os educar da melhor maneira possível, pois sabe que aquela que concebeu dele, tanto o tem em pensamento na presença quanto na ausência, e o que foi gerado, ou seja, os filhos desse ato de beleza infinda, se tornam indivíduos amigos, por serem e estarem no que é belo, e assim se tornam cada vez mais importantes através das gerações.

Falemos agora do amor dos jovens que buscam por “belos corpos” como diz Diotima, evidentemente se referindo ao amor físico entre o homem e a mulher que tem por finalidade a procriação.

Que homem tendo por uma mulher essa forma de amar, não a faria viajar pelo universo dos prazeres, na tentativa de agraciá-la por lhe proporcionar tão ardente sentimento que naquele instante se mistura ao desejo de possuí-la.

²³ PLATÃO. Op. cit. Nota nº 130, p. 39.

sabem o que é o Amor, mas o desejam para o futuro. Daí associa-se a idéia do bem à continuidade a qual, logo refere-se ao homem, ser mortal, assumir a feição de imortalidade.

Nova mudança no método de exposição, que agora passa a ser discursivo. Assimilando abruptamente, à maneira dos profetas, a atividade amorosa ao processo da geração, Diotima discorre então sobre o sentido desta, revelando-a como uma maneira de participarem os seres deste mundo da perene estabilidade do mundo ideal.²¹

A partir daqui Diotima modifica seu método de exposição que agora passa a ser discursivo. Se antes ela falava como os sofistas agora ela passa a falar como os profetas. Neste ponto ela estará assimilando a atividade amorosa ao processo da geração, Diotima discorre então sobre o sentido desta, revelando-a como uma maneira dos seres participarem deste mundo. Ou seja, falaremos, de acordo com Diotima, do poder de concepção do homem.

Afirma-se então que o nascimento é a Beleza. Por isso, quando o que está em concepção se aproxima do belo, acalma-se e de júbilo transborda, dá à luz e gera, mas não do belo o amor, mas sim da geração e da parturição no belo.

Dizemos que é na geração, por que é algo de perpétuo e imortal para um mortal, a geração. E na imortalidade também se deseja o bem, que é ter consigo o Amor. Ou seja, na imortalidade também se deseja o Amor.

Mas qual seria o motivo desse desejo? Podemos dizer que este desejo está intrínseco ao amor físico, a forma mais sensível do Amor. Tem-se aqui *“um quadro muito vivo da visão heraclitiana da realidade. Mas, sob o fluxo desesperador das coisas, Diotima vê em sua geração, a sua maneira de continuar, o seu modo de participar do ser perene das idéias”*.²²

Aqui também a natureza procura, a seu modo, ser imortal; pois só assim através da geração ela pode deixar o ser novo no lugar do velho e assim renovar-se continuamente. E é sob esse fluxo desesperador das coisas que Diotima vê em sua geração, uma maneira de continuar, o seu modo de particular do ser perene das idéias.

Ela também destaca a troca de afetos, eles nunca permanecem intactos nessa troca pelo contrário enquanto uns nascem outros morrem e isso

²¹ PLATÃO. Op. cit. Nota nº 125, p. 38.

²² Ibidem. Nota nº 129, p. 39.

Diotima procede falando da origem do Amor e sua natureza, a esse respeito ela prossegue dando uma explicação surrealista dos fatos, exemplificando a origem do Amor com exemplos baseados nos Deuses Gregos. Continuou dizendo:

“...Afrodite,, banqueteara com os Deuses, e entre os demais estava também o filho da Prudência, o Recurso. Depois do jantar a pobreza ficou à porta para esmolar. Recursos que estava embriagado entrou no jardim de Zeus e adormeceu. A Pobreza se aproveita da embriaguez de Recurso e se deita com ele, concebendo assim o Amor.

Como Afrodite estava presente na hora da concepção do Amor, este se tornou seu amigo e servo, e assim amante do belo por que Afrodite era bela.

E sendo ele filho de recurso e da pobreza foi esta a condição em que ele ficou. Primeiramente ele é sempre pobre, e está longe de ser delicado e belo como imaginamos.

Pelo contrário é duro, seco, descalço e sem lar está sempre às portas e nos caminhos, pois tem a natureza da mãe, a pobreza. Mas o Amor também puxou ao pai, recurso, assim sendo é falso com o que é belo e bom, sendo ele corajoso, decidido e enérgico, caçador e terrível, sempre a tecer maquinacões, mas é cheio de sabedoria e cheiro de recursos; e anda a filosofar. É de natureza ambígua, pois nem é mortal nem é imortal, pois a ora germino e vive enriquecendo-se, ora morre e de novo ressuscita, pois tem a natureza do pai.

O que consegue sempre lhe escapa, de modo que não empobrece nem enriquece assim como também permeia da sabedoria e da ignorância”.¹⁹

É claro que Diotima exemplifica com base em seus conhecimentos da época, mas quando analisamos o Amor de uma forma mais contemporânea percebemos que é evidente a relação das abstrações, utilizadas por ela com a existência do Amor.

Ela também faz uma afirmação interessante quando diz que o amor é filósofo justamente por estar entre a sabedoria e a ignorância que na realidade é um fato que faz a sua natureza, um pai sábio e rico e uma mãe que não é sábio e é pobre.

*“O desejo de ter para o futuro é o desejo de ter sempre. Daí associar-se a idéia do bem à de continuidade, a qual, logo mais referida ao homem, ser mortal, assume a feição de imortalidade”.*²⁰

Mais à frente Diotima relaciona o Amor à felicidade, e sendo esta felicidade a busca pelo bem, podemos afirmar que nem todos os homens são felizes porque ainda não alcançaram esse bem, e obviamente também ainda não

¹⁹ PLATÃO. Op. cit., p. 35.

²⁰ Ibidem. Nota nº 124, p. 37.

Sócrates, aqui, afirma que um dia ouviu de uma mulher de Mantinéia, Diotima o seguinte discurso sobre o Amor.¹⁶

Quando afirmamos que o amor é Belo, estamos fazendo uma afirmação enganosa e se afirmamos que amor é feio também estamos enganados. O fato é que devemos perceber que há algo entre os extremos, e o que não é sábio não precisa necessariamente ser ignorante existe o intermediário entre o entendimento e a ignorância.

Por isso não devemos pensar que se não é belo é feio, nem que o que não é bom é mau. Sócrates mesmo teria afirmado isso em sua aporia sobre o Bom e o Mau.

Essa observação de Sócrates vai determinar a passagem do método dialético para a exposição alegórica. Demonstrada a natureza intermediária do Amor, Diotima chama-o de gênio, conta sua origem e traça seu retrato.¹⁷

Mesmo assim é reconhecido que o Amor é um grande Deus? Nesse ponto Sócrates determina a passagem do método dialético para a exposição alegórica.

Diotima então continua: Sendo todos os deuses felizes e belos são também eles possuidores do que é Bom, mas no entanto, o Amor é carente do que é Bom e Belo, e sendo assim ele os deseja para si. E finaliza indagando: Como o Amor pode ser considerado um deus se ele precisa justamente do que é bom e belo?

Diante dessa conclusão a que chegamos, de que o Amor não é um Deus, ela nos oferece outro questionamento seguido de respostas como fazia os sofistas. Seria, então o Amor um mortal. E responde como já havia dito a respeito, o Amor esta entre o que é mortal e imortal.

Porque fazendo o papel intermediário, de acordo com Diotima, o Amor poderia transmitir aos deuses o que vem do homem, e ao homem o que vem dos deuses e como está no meio de ambos ele os completa "*de modo que o todo fica ligado todo ele a si mesmo*".¹⁸

¹⁶ PLATÃO. Op. cit., p. 33.

¹⁷ Ibidem. Nota nº 110, p. 34.

¹⁸ Idem.

Dizendo isso Sócrates tentava mostrar a Agatão os enganos que cometera em seu discurso, pois se o Amor deseja somente as coisas belas, podemos dizer que por ventura ele não é de todo belo então. E como pode ser Belo o Amor, se ele precisa das coisas que são belas, e se o amor é, portanto carente do que é belo, e o que é bom é belo, o Amor também é carente do que é bom; então sendo assim podemos afirmar que Sócrates conclui sua contradição ao discurso de Agatão afirmando e argumentando que o Amor não é belo e muito menos bom.

Mas, contudo Sócrates reinicia dizendo que o Amor também não é de todo feio e mau. E se faz entender argumentando que o que não é de todo belo não é necessariamente feio, pois para ele é clara a existência de algo entre os extremos. Sócrates faz aqui a seguinte aporia: A presença do mal no que não é bom nem é mau é o que faz este desejar o belo e o bom sendo assim se o mal estivesse ausente, o belo e o bom não seriam capazes de dar vida, ou seja, suscitar o amor.

Na realidade o que Sócrates quer dizer é que o amor não é um nem outro ele se faz intermediário entre as coisas como a sabedoria e a ignorância.¹⁴

O DISCURSO DE DIOTIMA

É estranho que uma sacerdotisa use o método de explicação dos sofistas do século V, através de perguntas forjadas por ela mesma. Esse parece um dos mais fortes indícios de que o fato contado por Sócrates é fictício, sobretudo se se considera a exata correspondência dos diálogos Sócrates-Agatão, Diotima-Sócrates.¹⁵

Diotima era uma sacerdotisa que tinha por uso o método de explicação dos sofistas do século V, ou seja, através de perguntas forjadas por ela mesma, um fato que causa estranheza, e que nos leva a crer que este seja um dos mais fortes indícios de que o fato contado por Sócrates é fictício.

¹⁴ PLATÃO. Op. cit., p. 33.

¹⁵ Idem. Nota nº 107.

DESMENBRAMENTO DO DIÁLOGO “O BANQUETE”

O DISCURSO DE SÓCRATES

Quando Agatão termina seu discurso concluindo-o de forma digna ao talento que lhe fôra atribuído, é a vez de Sócrates.

Sócrates dá início ao seu discurso fazendo uma crítica aos elogios anteriores. Para ele por ingenuidade, como ele mesmo afirmou pensava que se devia dizer a verdade sobre tudo que está sendo elogiado, que no caso para ele não havia se procedido. Neste ponto Sócrates afirma que os elogios anteriores se preocuparam exclusivamente da aparência do amor, e esqueceram de destacar a verdadeira realidade. Pois como eram concorrentes em seus diálogos os oradores discursaram como se a máxima beleza de seu discurso fosse uma consequência da beleza atribuída ao Amor. Sócrates acredita que isso seja uma falha e evita isso em seu discurso.

Antes de iniciar o verdadeiro discurso sobre o amor, Sócrates tenta mostrar a Agatão, através de algumas interrogações que seu discurso tinha sido muito belo, mas que não condizia ao que era verdadeiramente o amor, e ele iria lhe mostrar o seu parecer através de suas próximas palavras.

Sócrates começa dizendo que Agatão ao iniciar seu discurso disse que primeiro se devia demonstrar a natureza do Amor e depois bem completa Sócrates a Agatão lembrando-lhe de que em sua afirmação ele dizia que assim como é pai com relação a filho, amor é amor com relação a alguma coisa, e sendo o Amor necessitado do que é também Amor, conclui-se que o Amor é carente daquilo que ele deseja, ou seja, o Amor é carente de Amor.¹² Primeiro se ama o que está à mão e depois, as outras coisas que se tem precisão. Continuando Sócrates relembra que em seu discurso ele disse: *“que aos deuses foram arranjadas suas questões através do amor do que é belo, pois no que é feio não havia amor”*.¹³ Declarando isso então se afirma que aquilo que não se tem é o que se ama verdade. É assim então o Amor carece de beleza.

¹² PLATÃO. Op. cit, p. 31.

¹³ Ibidem, p. 32.

ensinar".¹⁰ E é nesta troca pela qual nascem e crescem todos os animais. E o ser que é criado na sabedoria do Amor se torna "*célebre e ilustre*"¹¹ enquanto os que não são tocados por ele crescem na obscuridade e se tornam seres de alma fria.

Tendo assim terminado o discurso de Agatão a palavra foi passada a Aristóteles que por sua vez deu início ao seu discurso. Disse Aristóteles que amar e querer, também, o que se alegre em ter hoje e querer que se conserve no futuro o que se tem no presente. E então admite-se que aquilo de que é carente e que não tem é o que ele ama na realidade.

E se sendo o Amor carente do que é bom e belo, como pode ele estar carente se já é considerado bom e belo. Visto isto observamos que na realidade o amor não é isto.

¹⁰ PLATÃO. Op. cit., p. 29.

¹¹ Idem.

comportamentos sexuais, pois a estes constituídos de partes iguais, não buscavam partes opostas. E se contentavam em passar a vida um com o outro, solteiros, tornando-se amante e amigo do amante,

a estes ninguém trata como efeito de que se trataria de uma união sexual, simplesmente um gosta da companhia do outro. É importante observar que neste ponto o discurso muda de tom, atingindo aqui um lirismo saudável que oferece uma importante idéia, a de que o sentimento amoroso não é exclusivamente sexual. Sendo assim conclui-se que o Amor nos dirige e comanda e o motivo disso é que nossa antiga natureza era assim e nós éramos um todo, e por tanto é ao desejo e a procura do todo que se da o nome de Amor.⁷

Prosseguindo “O Banquete” temos agora o discurso de Agatão.

Agatão dá início destacando que os que antes dele, falaram, elogiaram mais aos homens possuidores do amor, que o deus, como ele intitula o sentimento do Amor, que lhes é acusador, qual é porém a natureza desse deus ninguém disse, e é o que ele começa por dizer; que o Amor deve ser louvado primeiramente em sua natureza e depois os seus dons.⁸

Contradizendo Fedro, Agatão afirma que o Amor é o mais jovem dos deuses, pois o amor foge da velhice e por ela nunca se deixa apaixonar.⁹ Quem envelhece morre e o amor nunca deixa de existir. Na questão entre deuses, de que falaram e não foi por amor e sim por necessidade que ocorreram mutilações, se o Amor estivesse entre eles, a amizade e a paz reinariam, como o Amor que reina entre os deuses. Mas além de jovem, o Amor é dedicado, não anda no chão que é áspero e este lhe feria os pés, nem sobre a cabeça dos outros, pois o verdadeiro Amor reside no mais brando entre os seres, e se afasta dos que se fazem rudes. O amor é Belo e está em tudo que para nós há de bonito. Para Agatão o Amor também é possuidor de grandes virtudes. Ele não comete nem sofre injustiça. Ele é moderado, e a violência não toca no amor, pois o mesmo é possuidor de grande temperança. O amor é corajoso, pois é mais forte o que pega do que o que é pegado, assim ele domina te o mais corajoso. E por fim o amor é sábio, pois *“o que não se tem ou o que não se sabe, também a outro não se poderia dar ou*

⁷ PLATÃO. Op. cit., p. 25.

⁸ Ibidem, p. 27.

⁹ Idem.

Um grave problema que hoje enfrenta a contemporaneidade, que no caso seria a prostituição infantil. Para Pausânias o amor por amor ao corpo é vergonhoso. Após estas afirmações ele faz um elogio ao que é verdadeiramente belo dizendo... *“mais belo é amar claramente e não às ocultas”*⁴... E ver o belo na conquista no ato e até mesmo no que lhe parece feio. Logo após temos o discurso de Erixímaco que concordando com a dualidade do Amor, dá a ele definição: o sadio e o mórbido e são cada um reconhecidamente um estado do espírito que deve se estender a todos os planos da realidade, ou seja sempre temos amor pelas coisas que nos rodeiam a diferença está na qualidade de Amor que temos por cada uma delas, e isso é, significativamente uma forma que o Amor usa de reinar sobre nós. Assim, afirma ele, *“múltiplo e grande, melhor dizendo, universal é o poder que em geral tem todo o Amor”*.⁵

Tendo ele concluído, foi a vez de Aristófanes, que tomou direção diferente dos discursos anteriores. A princípio ele fala da natureza primitiva do homem, mencionando a existência de um gênero terceiro que não seria nem o masculino nem o feminino, mas o andrógino, uma espécie de junção dos dois primeiros, e que mesmo estando ligados possuíam independente personalidade e temperança, sendo assim, eram continuas as destemperanças de ambos, então os Deuses foram obrigados a extirpá-los a raça da terra. Mas fizeram-no renascer de forma independente, mas por já terem sido unidos pelo corpo e ligados pela alma possuíam necessidade de se unirem,

envolvendo-se com as mãos e enlaçando-se um outro no ardor de se confundirem então Zeus deu-lhes sexos para que dele se processasse a geração um no outro, para que o enlace, fosse um homem a encontrar uma mulher e para que ao mesmo tempo gerassem e se fosse constituindo a raça.⁶

Vê-se então que já a muito tempo que o amor de um pelo outro está implantado nos homens que buscam nessa união resgatar a antiga natureza e se complementarem. Mas existem também os que se fizeram somente da parte fêmea, como chamamos hoje, e outros que foram constituídos apenas da parte masculina. Dito isto Aristófanes está dando a tipologia ou origem dos

⁴ PLATÃO. Op. cit., p. 16.

⁵ Ibidem, p. 21.

⁶ Idem.

No Banquete é apresentado o diálogo de Apolodoro que é o interlocutor de Sócrates e um companheiro, o que nos leva a concluir evidentemente que Sócrates não está só.

O Banquete fôra uma cerimônia realizada na casa de Agatão.

Aristodemo se encontra com Sócrates e os dois vão ao Banquete. Seria interessante mencionar uma peculiaridade que se faz característica em Sócrates, pois como afirma Aristodemo no texto, tamanho era o domínio de Sócrates sobre os apetites e sentidos do corpo que o mesmo era capaz de beber qualquer quantidade sem ficar com o mínimo sinal de embriagues.

No Banquete em particular os convidados se propõem a falar sobre o amor. E cada um como de costume começa apresentando seu discurso sobre o tema, como se faz num piquenique, em que cada um traz uma parte da refeição coletiva.

Fedro começa com um desafio aos demais, pois para ele, não houve ainda homem que até aquele dia tivesse a coragem de celebrar codignamente o amor, a tal ponto merecedor, como é negligenciado um tão grande deus.

Todos aceitam o desafio de venerar o Amor, como propõe Fedro, e o mesmo é encarregado de iniciar o discurso, ao que lhe é dado ele se afirma sua concepção do que é o amor se da pela afirmação de que o *"Amor é entre os deuses o mais honrado e o mais poderoso para a aquisição da virtude e da felicidade entre os homens, tanto em sua vida como após sua morte"*.¹

Para Fedro o homem necessita de Amor para conseguir chegar à felicidade e o mesmo incita à virtude.

Depois de Fedro foi a vez de Pausânias, afirmar a "dualidade" de Afrodite e portanto do amor.² Acredito que o que ele quer dizer ao fazer esta afirmação é que para se amar a pessoa precisa por conseguinte de outro e que não se ama de verdade se o que se ama é apenas o corpo, é necessário se amar a alma. É interessante quando ele afirma ser enganoso o amor entre jovens e que os mesmos ainda meninos não sabem amar se não ao corpo. Ele se afirma dizendo que *"é preciso haver uma lei proibindo que se amassem meninos"*.³

¹ PLATÃO. *O Banquete*. São Paulo: Nova Cultural, 1991, p. 14.

² *Ibidem*, p. 15.

³ *Idem*.

UMA INTERPRETAÇÃO DO AMOR EM “O BANQUETE” DE PLATÃO

ABORDAGEM GERAL DA INTERPRETAÇÃO DO AMOR PARA PLATÃO.

Quando se questiona a visão que Platão tem sobre o amor logo lembramo-nos de seu relacionamento com o “O Banquete” (PLATÃO, O Banquete, 1991), seria interessante que neste, a princípio, definirmos o motivo de tal intitulação.

Banquete literalmente falando seria um jantar coletivo, aqui mais caberia uma situação pós-jantar ou pós-refeição mais propriamente dito onde havia o simpósio, que na realidade era “bebida” em conjunto acompanhado das mais variadas diversões, entre as quais as competições literárias.

Como sabemos Platão em seus diálogos, tem por personagem principal seu tutor Sócrates, um filósofo que só mais conhecemos através de Platão, pois ele mesmo não nos deixou nada registrado fato que leva alguns historiadores a afirmarem que o mesmo não passa de um fruto da imaginação de Platão.

Segundo Aristóteles foram Hesíodo e Parmênides os primeiros a sugerirem que o Amor é uma força que move todas as coisas e as mantém unidas. No entanto, podemos afirmar que é a Platão que devemos o legado da primeira investigação filosófica sobre o amor.

O Banquete, diálogo de Platão, é indiscutivelmente uma obra prima que se destaca dentre os outros escritos a fim de esclarecer o mesmo tema o Amor. A doutrina socrática - platônica sobre o amor emerge, como algo que se pode resgatar de nossas memórias em esquecimento.

Seus pensamentos parecem se perder em meio aos tempos impedindo que por natureza está muito longe de ser esgotado, Platão nos oferece novas perspectivas, oferecendo-nos a oportunidade de enriquecer nossas próprias reflexões através dos diálogos discutido nos respectivo tema.

Veremos aqui uma corrente de discursos procedentes de diferentes filósofos reunidos em um Banquete.

A discussão em pauta é o Amor.

INTRODUÇÃO

Quando se questiona a visão que Platão tem sobre o amor logo lembramo-nos de seu relacionamento com o “O Banquete” (PLATÃO, O Banquete, 1991), seria interessante que neste, a princípio, definirmos o motivo de tal intitulação.

Banquete literalmente falando seria um jantar coletivo, aqui mais caberia uma situação pós-jantar ou pós-refeição mais propriamente dito onde havia o simpósio, que na realidade era “bebida” em conjunto acompanhado das mais variadas diversões, entre as quais as competições literárias.

Como sabemos Platão em seus diálogos, tem por personagem principal seu tutor Sócrates, um filósofo que só mais conhecemos através de Platão, pois ele mesmo não nos deixou nada registrado fato que leva alguns historiadores a afirmarem que o mesmo não passa de um fruto da imaginação de Platão.

Segundo Aristóteles foram Hesíodo e Parmênides os primeiros a sugerirem que o Amor é uma força que move todas as coisas e as mantém unidas. No entanto, podemos afirmar que é a Platão que devemos o legado da primeira investigação filosófica sobre o amor.

O Banquete, diálogo de Platão, é indiscutivelmente uma obra prima que se destaca dentre os outros escritos a fim de esclarecer o mesmo tema o Amor. A doutrina socrática - platônica sobre o amor emerge, como algo que se pode resgatar de nossas memórias em esquecimento.

Seus pensamentos parecem se perder em meio aos tempos impedindo que por natureza está muito longe de ser esgotado, Platão nos oferece novas perspectivas, oferecendo-nos a oportunidade de enriquecer nossas próprias reflexões através dos diálogos discutido nos respectivo tema.

BIOGRAFIA

Partindo dos escritos de Platão (427-347 a.C.), filósofo de Atenas, filho de família aristocrática e abastada, entregou-se na juventude ao estudo das ciências sob o magistério de Crátilo, discípulo de Heráclito passando mais tarde para a escola de Sócrates a quem ouviu por quase dez anos. Por morte do mestre, retirou-se para Megora, donde empreendeu uma série de viagens ao Egito, à Itália e a Sicília. De volta a Grécia estabeleceu-se definitivamente em Atenas, abrindo uma escola que do ginásio da Academia. Onde se congregava, recebeu o nome de academia. Onde até a morte se ocupou exclusivamente em ensinar e escrever.

Platão é o primeiro filósofo antigo de quem possuímos as obras completas: 35 diálogos, muitos são apócrifos, outros de autenticidade.

MENSAGEM

Amar é uma decisão, não um sentimento. Amar é dedicação e entrega. Amar é um verbo e o fruto dessa ação é o amor. O amor é um exercício de jardinagem: arranque o que faz mal, prepare o terreno, semeie, seja paciente, regue e cuide. Esteja preparado porque haverá pragas, secas ou excessos de chuvas, mas nem por isso abandone o seu jardim. Ame seu par, ou seja, aceite-o, valorize-o, respeite-o, dê-lhe afeto e ternura, admire-o e compreenda-o. Isso é tudo. Ame!

A inteligência sem amor te faz perverso.

A justiça sem amor te faz implacável.

A diplomacia sem amor te faz hipócrita.

O êxito sem amor te faz arrogante.

A riqueza sem amor te faz avaro.

A docilidade sem amor te faz servil.

A pobreza sem amor te faz orgulhoso.

A beleza sem amor te faz ridículo.

A autoridade sem amor te faz tirano.

O trabalho sem amor te faz escravo.

A simplicidade sem amor te deprecia.

A oração sem amor te faz introvertido.

A lei sem amor te escraviza.

A política sem amor te deixa egoísta.

A fé sem amor te deixa fanático.

A cruz sem amor se converte em tortura.

A vida sem amor...

não tem sentido.

Autor desconhecido.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho de dissertação que é requisito final para o curso de filosofia...

- Primeiramente a Deus, que com toda sua grandeza e não por meu merecimento me abençoou e tem me abençoado em todos os instantes de minha vida, dando-me entendimento para agir de forma coerente e racional.

- A minha ama e querida mãe, que sempre esteve presente, me abençoando e animando, sendo guerreira, se fazendo em duas nos momentos em que mais precisei, sua mão sempre me esteve estendida.

- Ao meu tesouro maior, minha filha Letícia Lazara, que mais do que filha, apesar de pouca idade, tem se mostrado uma amiga e companheira exemplar.

- A todos que de uma forma positiva auxiliaram em meu desenvolvimento cognitivo, principalmente minhas tias Lurdinha e Solemar e a meu irmão Wanaldir.

ÍNDICE

Biografia	6
Introdução.....	7
Uma interpretação do amor em “O banquete” de Platão: Abordagem geral da interpretação do amor para Platão	8
Desmembramento do diálogo “O banquete”: O discurso de Sócrates	13
O discurso de Diotima	14
Conclusão.....	20
Bibliografia.....	22

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Núbia Cristina

Uma interpretação do amor em “O banquete” de Platão

Data da apresentação: ___/___/___

Aprovada em ___/___/___

Assinatura do professor orientador

Assinatura do aluno

Rubiataba, 2004

Núbia Cristina A. Pimenta

UMA INTERPRETAÇÃO DO AMOR EM “O BANQUETE” DE PLATÃO

Relatório Monográfico apresentado à Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER, como requisito parcial para a conclusão do curso de Filosofia, sob a orientação do Prof. Rogério Jacinto Vieira.

Rubiataba, 2004.

Centro de Ensino Superior de Rubiataba – CESUR
Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER



UMA INTERPRETAÇÃO DO AMOR EM “O BANQUETE” DE PLATÃO

Núbia Cristina A. Pimenta

30692
saru

Tombo nº	9456
Classif.:	
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	19.02.05

Rubiataba, 2004.